

PROJETOS DE VIDA E PRONATEC: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS DO PROGRAMA

Débora Cristina Vasconcelos Aguiar¹; Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento²

¹Universidade Federal do Ceará, debbiecva@hotmail.com

²Universidade Federal do Ceará, denisesn1301@gmail.com

O Presente trabalho trata das representações sociais dos projetos de vida de alunos e ex-alunos do Programa Nacional de Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). O Pronatec apresenta-se como uma política pública que tem como proposta garantir uma maior oferta de cursos de educação profissional e tecnológica, de nível médio. Além disso, percebemos a importância das representações sociais no projeto de vida dos sujeitos, uma vez que os indivíduos utilizam-se das representações sociais como formas de ver o mundo e de pensar sobre o futuro. Assim, como principal objetivo, buscamos perceber se os objetivos do Pronatec vão de encontro com os projetos de vida dos participantes da pesquisa. Além disso, buscamos investigar a existência de projetos de vida e quais são eles para os voluntários da pesquisa; conhecer a proposta do Pronatec enquanto uma política pública e; averiguar o modo como os participantes lidam com o futuro, em relação aos planos, metas, objetivos e projetos de vida. Em relação à metodologia utilizada, esta consiste numa pesquisa qualitativa fomentada pelo CNPq, de abordagem dialética, em que realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental, e uma pesquisa de campo, na qual utilizamos como técnica de produção de dados entrevistas individuais semiestruturadas com quatorze participantes, alunos e ex-alunos do Pronatec. Como referencial bibliográfico, recorremos a autores da teoria das representações sociais como Serge Moscovici, Jodelet, além de autores como Paulo Freire, Jessé Souza, Fátima Catão, Eloisa Hofling, Márcia Saadallah, entre outros. Para a análise de dados utilizamos-nos da Análise Temática, sendo esta uma das técnicas da Análise de Conteúdo, e observamos, por meio das respostas dos alunos entrevistados, diferentes modos de relação e compreensão do Pronatec. Para alguns, o Programa somava e confluía com seus planos e projetos individuais, mas outros demonstraram certa dificuldade em refletir sobre o futuro e elaborar seus projetos de vida.

Palavras-chave: Pronatec, Projeto de vida, Representações sociais.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade é comum ouvir ou utilizar o termo políticas públicas, o qual tem sido objeto de estudo de diversos campos do saber. Assim, é importante recordar que o conceito de políticas públicas surgiu primeiramente nos EUA (MENEZES, 2013), e, apesar do objetivo inicial ter sido em prol das análises do Estado e não da produção de governos, foi somente a partir de estudos e discussões que se tornou possível classificar a política pública como “responsável pela identificação, planejamento e solução” (MENEZES, 2013, p. 58) dos problemas sociais.

É importante destacar que, o Pronatec — Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego — apresenta-se como uma política pública educacional, além de uma política de desenvolvimento, pois teve início no Brasil, segundo Vasconcelos Neto (2014), em 2011, no contexto de preparação para a Copa do

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

Mundo FIFA de 2014, já que se necessitava de brasileiros qualificados, de forma rápida, para o ingresso no mercado de trabalho, a fim de lidar com a demanda de profissionais para a Copa. Assim, o Pronatec tem como propostas, garantir uma maior oferta de cursos de educação profissional e tecnológica, técnica de nível médio, além de oferecer aos estudantes, uma bolsa incentivo no valor dois reais (R\$ 2,00) a hora/aula, com a intenção de propiciar uma menor evasão nos cursos.

Com base nisso, percebemos que diversas variáveis permeiam o cotidiano dos alunos e ex-alunos do Pronatec, no sentido de que a escolha do curso e a identificação com determinada formação ou sonho encontrar-se-á construída a partir do contexto de vida do sujeito e de suas relações consigo e com o mundo. A partir de então, notamos a importância de pensar em projeto de vida através da Teoria das Representações Sociais - TRS.

Desse modo, este trabalho trata das representações sociais dos projetos de vida de alunos e ex-alunos do Pronatec. Com isso, buscamos perceber se os objetivos do Pronatec vão de encontro com os projetos de vida dos participantes da pesquisa. Além disso, almejamos investigar a existência de projetos de vida e quais são eles para os voluntários da pesquisa; conhecer a proposta do Pronatec enquanto uma política pública e; averiguar o modo como os participantes lidam com o futuro, em relação aos planos, metas, objetivos e projetos de vida.

A metodologia utilizada neste artigo consiste numa pesquisa qualitativa fomentada pelo CNPq, de abordagem dialética, e uma pesquisa de campo, em que utilizamos como técnica de produção de dados entrevistas individuais semiestruturadas com quatorze participantes, alunos e ex-alunos do Pronatec. Para a análise de dados utilizamo-nos da Análise Temática, sendo esta uma das técnicas da Análise de Conteúdo. Como referencial bibliográfico, recorremos a autores da teoria das representações sociais como Serge Moscovici (2007), Jodelet (2008), além de outros autores como Fátima Catão (2001), Hofling (2007), Saadallah (2007).

Logo, num primeiro momento discorreremos, com maiores detalhes, sobre os procedimentos metodológicos utilizados para a execução deste trabalho. Em seguida falaremos brevemente sobre políticas públicas, sociais e o PRONATEC; posteriormente sobre representações sociais e projeto de vida. Por fim, na discussão, será feita a análise de dados produzidos na pesquisa de campo, seguido das considerações finais.

2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Tendo em vista a singularidade do nosso objeto de pesquisa, que trata das representações sociais de alunos do Pronatec no que tange aos seus Projetos de vida, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que compreendemos que este modelo de pesquisa melhor se adequa à proposta do nosso estudo. Realizamos esta escolha metodológica com base na compreensão de Minayo (2008) sobre pesquisa qualitativa, na qual a autora afirma que esta possibilitaria a incorporação da questão do significado e da intencionalidade inerentes às estruturas sociais.

Outra autora que nos auxiliou na delimitação e escolha dos subsídios teórico-metodológicos utilizados foi Goldenberg (2004), que situa as pesquisas em ciências sociais, por meio do viés qualitativo, como uma busca de compreensão dos “valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado” (GOLDENBERG, 2004, p. 19). Nessa perspectiva, entendendo as representações sociais como ideias, valores e crenças construídos e compartilhados socialmente, compreendemos que a abordagem qualitativa nos permite investigar os sentidos e significados atribuídos pelos participantes da pesquisa aos seus projetos de vida individuais e coletivos.

Goldenberg (2004) também nos auxilia a pensar a representatividade da pesquisa qualitativa, apontando para o fato de que, neste modelo de pesquisa, “a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc.” (GOLDENBERG, 2004, p. 14).

Nesse sentido, utilizamo-nos da dialética marxista como método de abordagem e compreensão do real. A escolha desta abordagem se deve ao seu caráter abrangente, reconhecendo a realidade em seu dinamismo, provisoriedade e transformação. Assim sendo, segundo Minayo (2008, p. 25), os significados, como parte integrante da realidade, devem “ser compreendidos e interpretados tanto no nível das representações sociais como das determinações essenciais”. Portanto, a dialética nos possibilita compreender o nosso objeto como um fenômeno histórico e dinâmico, estando inserido em uma época e sociedade específicas.

Assim, realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental a fim de contextualizar e explorar as diversas dimensões que compõem o nosso objeto, além de constituir um elemento essencial para a produção do material utilizado na pesquisa de campo e para a análise de dados (MINAYO, 2008).

Desenvolvemos ainda uma pesquisa de campo que, segundo Minayo (2008, p. 202) “constitui-se numa etapa essencial da pesquisa qualitativa, que a rigor não poderia ser pensada sem ele [o campo]”.

Optamos pela realização de entrevistas semiestruturadas porque elas representam uma situação próxima à condição ideal de uma entrevista, onde o entrevistado pode se expressar espontaneamente, além de possibilitar a inclusão de novas perguntas por parte do entrevistador a partir de algum dado trazido pelo entrevistado (MINAYO, 2008).

O critério para a escolha dos entrevistados foi ter feito ou estar fazendo um curso do Pronatec. Os participantes foram contatados a partir de nossa rede de sociabilidade e por indicações de professores de cursos do Pronatec. Priorizamos realizar as entrevistas nas casas dos estudantes para que pudéssemos conhecer melhor a sua realidade socioeconômica, entretanto, tivemos bastante resistência para isso, visto que a maioria dos entrevistados solicitou que a entrevista fosse realizada em outro espaço, pois se sentiam mais confortáveis dessa forma. Logo, das quatorze entrevistas realizadas, apenas quatro ocorreram nas casas dos participantes e as demais, em instituições de ensino ou lugares públicos.

O roteiro de entrevista foi pensado em quatro momentos: o primeiro consistia em um breve cabeçalho, o qual solicitava informações como estado civil, quando fez o curso do Pronatec e se trabalha ou estuda atualmente; o segundo momento era voltado para a história de vida dos participantes e continha perguntas semiestruturadas sobre as suas relações sociais e experiências na infância, adolescência e em relação ao trabalho, se já tinham exercido alguma atividade remunerada e o que o trabalho significou para eles; o terceiro momento se centrava no tempo presente e nas atitudes e escolhas relacionadas ao curso do Pronatec, o porquê de eles terem escolhido o curso em questão e quais suas impressões sobre ele; e o quarto momento enfocava as metas, planos, projetos e aspirações dos estudantes em relação ao futuro, buscando conhecer se eles tinham projetos de vida e se estes se relacionavam com os objetivos do Programa. As entrevistas foram gravadas e transcritas para a posterior análise do *corpus*.

Como metodologia de análise de dados, utilizamos a Análise Temática, sendo esta uma modalidade da Análise de Conteúdo. Optamos por trabalhar com a Análise Temática devido ao fato de considerarmos que essa técnica pode oferecer uma perspectiva qualitativa do discurso apresentado, tendo em vista que ela busca compreender os sentidos e significados empregados em cada tema bem como o contexto de sua utilização. Na produção deste trabalho, enfatizamos o potencial qualitativo da

Análise Temática, visto que não nos prendemos à frequência com a qual os temas se apresentavam, mas ao contexto de sua utilização. Destarte, após a leitura e a releitura do material transcrito, na fase de pré-análise, selecionamos as categorias que mais se destacavam, tanto pela frequência com que apareciam nas falas dos participantes quanto pela relevância de alguns temas para a compreensão do nosso objeto. Assim, selecionamos as seguintes categorias de análise: família, escola, trabalho, futuro e projeto de vida.

Para tornar o texto mais dinâmico, optamos por trazer alguns dados do campo para dialogar com o referencial teórico utilizado. Assim, destacamos os fragmentos das transcrições em *itálico* para diferenciar das demais citações. Além disso, a análise do *corpus* das entrevistas será apresentada mais detalhadamente no tópico sobre a análise de dados.

3 POLÍTICAS PÚBLICAS, POLÍTICAS SOCIAIS E PRONATEC

Segundo Hofling (2001), existe uma distinção entre as funções de Estado e governo, sendo o primeiro percebido como algo permanente – órgãos executivo, legislativo e judiciário – enquanto o segundo se refere a algo passível de mudança. O governo, assim, é considerado como responsável por desempenhar algumas funções sociais, que são atribuídas ao Estado a partir do modelo econômico e social em vigor.

Saadallah (2007) também discorre sobre a distinção entre políticas públicas e políticas sociais, de modo que as primeiras seriam decisões governamentais projetadas para atacar problemas que atingem a vida comum, enquanto as segundas são definidas como uma modalidade das políticas públicas destinadas a garantir condições básicas de sobrevivência à população, ou seja, os mínimos sociais, e geralmente têm um público específico. Hofling (2001) também contribui para discussão ao afirmar que as políticas públicas sociais são elaboradas a fim de que se possa garantir condições básicas de cidadania àqueles que mais sofrem as consequências da desigualdade social, tais como idosos de baixa renda, pessoas com deficiências e pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza.

A educação, por sua vez, é reconhecida no Brasil, a partir da Constituição Federal de 1988, como um direito do cidadão e como dever do Estado e das famílias garantir que todas as crianças e os adolescentes tenham acesso à escola. A educação também é vista como uma das bases que sustentam o desenvolvimento político, social e econômico das sociedades atuais, de modo que é papel do Estado oferecer educação pública de qualidade aos cidadãos.

Para Paulo Freire (2016), a influência do pensamento neoliberal na Educação tem tornado o sistema escolar cada vez mais voltado ao mercado de trabalho, de modo que a qualidade do ensino escolar está associada à transmissão de conteúdo pragmático e não ao desenvolvimento de uma consciência política, o que é bastante útil ao sistema capitalista, uma vez que a educação se torna um instrumento de reprodução da desigualdade, capacitando a força de trabalho, mas sem o desenvolvimento da autonomia.

Em adição a isso, o Pronatec se configura como uma política educacional de desenvolvimento, tendo em vista o contexto de seu surgimento, isto é, às vésperas da Copa do Mundo FIFA de 2014. Este mesmo movimento ocorreu no período anterior às Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro, em que foram ofertados mais cursos na área de turismo, com a finalidade de suprir a carência de pessoas para este serviço¹. Assim, o Pronatec busca garantir uma maior oferta de cursos de educação profissional, tecnológica e técnica de nível médio aos jovens, trabalhadores e beneficiários de programas de transferência de renda.

Jessé Souza (2009) também contribui para a nossa compreensão da realidade brasileira ao demonstrar a forma como o liberalismo economicista foi naturalizado no Brasil. Segundo o autor, para essa naturalização, foi necessária a construção de uma falsa dicotomia entre mercado e Estado, em que ambos são percebidos por grupos distintos da população ora como sendo símbolo de justiça e pureza, ora como tendo a marca da corrupção e da selvageria. Esta oposição que prende boa parte da população tira de cena um aspecto fundamental para a manutenção da desigualdade no Brasil, que é a lógica em que ambas as instituições estão baseadas, isto é, a lógica do desempenho.

Desse modo, Souza (2003) se utiliza do conceito de ideologia do desempenho, de Kreckel, para demonstrar como a desigualdade é justificada e subliminarmente legitimada pelo modo de racionalidade ocidental, baseando-se na tríade meritocrática: qualificação, posição e salário. A ideologia do desempenho enquadra as pessoas na hierarquia social, de modo que a condição de cidadania e dignidade é compreendida a partir da função que desempenham e de seu valor social. Segundo Souza (2003), essa ideologia acaba por justificar o acesso diferencial aos bens restritos e obscurece o caráter violento e injusto da desigualdade.

A ideologia meritocrática se nutre de excepcionais casos de jovens de baixa renda com eventuais sucessos individuais, com a finalidade de promover a crença de que esta mobilidade pode ser alcançada por todos, desde que se esforcem para isso. Entretanto, consoante Souza (2009), já se nasce destinado ao sucesso ou ao fracasso só por nascer em

¹Fonte: BRASIL. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/turismo/2015/07/turismo-vai-qualificar-mais-profissionais-para-rio-2016>. Acesso em: 08 mar. 2017.

uma determinada classe, e esta ideologia tem o papel de ocultar este fato, a fim de dar legitimidade a essa lógica perversa, que está baseada em uma pseudociência, igualmente ideológica e acrítica.

Por isso, notamos que os cursos do Pronatec são ofertados de acordo com a demanda do mercado, de ofícios pouco valorizados social e economicamente, que são destinados a um público também desfavorecido e em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PROJETO DE VIDA

As representações sociais “nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la.” (JODELET, 1993, p. 1).

Assim sendo, o termo ‘representações sociais’, proposto por Moscovici (2007), considera todos os saberes construídos socialmente, inclusive o senso comum, uma vez que a compreensão das manifestações do humano são importantes para compreender a história de vida dos indivíduos.

Além do conceito de Representações Sociais, outro conceito que nos possibilita compreender a formação da subjetividade, a partir das condições materiais de existência, é o termo *Habitus*, trabalhado por Jessé Souza. Desse modo, Jessé Souza (2009) matiza o conceito de *habitus* de Bourdieu, que designa sistema generativo de gostos a partir das condições materiais em que se está inserido, em três formas: *habitus* precário, primário e secundário. O *habitus* primário teria a mesma conotação que Bourdieu atribui, referindo-se à predisposição de agir segundo modelos incorporados inconscientemente a partir da classe a que se pertence. O *habitus* precário seria o limite do *habitus* primário para baixo, referindo-se a tipos de personalidade ou comportamentos que não atendem às demandas objetivas para que o sujeito seja considerado útil e produtivo. Neste, o que prevalece é a ideia da aprendizagem de como ser subcidadão que não consegue pensar além da realidade em que está inserido. Já o *habitus* secundário seria o limite do *habitus* primário para cima, isto é, trataria de contextos como o francês, estudado por Bourdieu, em que se pressupõe a igualdade jurídica entre os cidadãos, logo, a distinção se daria a partir dos gostos e não exclusivamente das práticas sociais.

Nessa perspectiva, compreendemos que ambos os conceitos de *habitus* e de representações sociais tratam do mesmo fenômeno, isto é, da construção de modos de compreender e de se relacionar com o mundo.

Portanto, consideramos que tanto o *habitus* quanto a Teoria das Representações Sociais podem nos auxiliar na compreensão do nosso objeto, o qual consiste nas Representações Sociais de projetos de vida de alunos do Pronatec.

Para avançarmos nesta discussão, faz-se necessário abordar outro conceito caro a este trabalho, isto é, o conceito de Projeto de vida. Segundo Catão (2001), projeto de vida compreende um diálogo entre a subjetividade e a objetividade, pois não são apenas as vivências que influenciarão na realidade presenciada pelo sujeito, mas também a interpretação crítica que ele, quanto cidadão, fará dessas vivências, o que lhe ocasionará enxergar possibilidades ou impossibilidades frente a uma realidade no futuro. A partir de tal compreensão, percebemos durante as entrevistas certa dificuldade, por parte dos entrevistados, em elaborar uma resposta para a pergunta sobre a existência de um projeto de vida:

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se fazer um estudo sobre a política pública: Pronatec e, assim, investigar se os objetivos do Programa estão de acordo com os projetos de vida dos estudantes, percebemos que, nem sempre a teoria e a prática coincidem. Nesse caminho, deparamo-nos com sujeitos que possuem representações sociais distintas e contextos de vida diferentes. Contudo, percebemos, de modo geral, certa dificuldade, por parte dos entrevistados, em pensar prospectivamente ou refletir sobre seus projetos de vida.

O Projeto de Vida atinge ainda dimensões do campo: sócio-cognitivo, sócio-afetivo e espaço-temporal (CATÃO, 2001). Na primeira, é apreendido “o sentido de projeto como fenômeno de elaboração socialmente construído” (CATÃO, 2001, p. 116), ou seja, o projeto de vida nessa dimensão surgirá permeado pelos pensamentos e reflexões como produto do diálogo mental estabelecido entre o sujeito e o mundo, sobre o crescimento pessoal dele, o que ele pensa e reflete acerca do mundo.

A partir de tal compreensão, percebemos durante as entrevistas certa dificuldade, por parte dos entrevistados, em elaborar uma resposta para a pergunta sobre a existência de um projeto de vida:

(ENTREVISTADOR) “*Você tem um projeto de vida? Se sim, poderia falar sobre ele?*”

(VOLUNTÁRIO A²) “*não, eu não tenho um projeto de vida agora, eu não penso agora. Eu penso em primeiro estudar, ver se eu consigo entrar numa faculdade, para arranjar um trabalho. É... acho que isso é um projeto de vida [...]*”.

Notamos que embora haja uma visão de poder estudar e entrar em uma faculdade, não é com facilidade que aparece o relato de enxergar no presente uma realidade futura, um projeto de vida. Em outro relato, percebemos a presença constante da obrigatoriedade de possuir um direcionamento para a vida atrelado à qualificação profissional e ao dinheiro em troca de reconhecimento social:

(ENTREVISTADOR) “*Em relação ao plano para sua vida, assim... você tem algum plano para a sua vida? Algum projeto?*”;

(VOLUNTÁRIO B³) “*O primeiro passo, é isso... mesmo com toda a dificuldade que é a vida, a minha vida.. nesse caso... é me estabilizar um pouco, né? Todo mundo precisa de dinheiro, né? E agora eu já tô mais tranquilo... tanto no trabalho como em relação financeira... e já ingressar na faculdade de novo. Passar esse período... apesar de não ser muito fácil...sair do trabalho e voltar a estudar de novo, mas eu vou **ter que** voltar a essa diária, né? Porque a gente **tem que** evoluir, né?*”

Percebemos que o Projeto de Vida evidencia-se bastante no pensamento sobre o futuro, baseado nos desejos que se tem agora e nas faltas que se pretende preencher, contudo a organização familiar e a história de vida do sujeito também se encontram aplicadas na formação desse Projeto. Logo, a dimensão socioafetiva de projeto de vida surge da relação de inserção ou exclusão social, ou seja, a classe social que o sujeito ocupa também influencia na construção e modo de pensar esse projeto futuro, e, assim, dependendo da posição ocupada, a relação estabelecida com o trabalho é de grande importância para a compreensão de uma urgência em se manter financeiramente (CATÃO 2001).

(ENTREVISTADOR) [Depois de o voluntário relatar que não havia conseguido entrar no curso que queria] *Qual curso você queria?*

(VOLUNTÁRIO D⁴) *Eu queria Psicologia. Depois eu fiquei estudando para o próximo Enem, mas minha mãe disse: “não, vai procurar logo um emprego e depois tu vê isso”. Aí eu passei o ano todo me dedicando a procurar um emprego. Aí depois de um longo tempo eu consegui, um estágio, né, que era “Primeiros Passos”, do Sesi/Senai.*

Com base no trecho supracitado, percebemos a importância que o trabalho tem para essas pessoas, pois este possibilita que elas possam se identificar e se reconhecer como sujeitos “dignos” e produtivos, o que os diferencia daqueles citados por Jessé Souza (2009) como a “ralé estrutural”. Este conceito remete a produção de um grupo de pessoas

² Foi estudante de escola pública e não trabalha ou estuda no momento.

³ Foi estudante de escola pública, começou a trabalhar aos 9 anos para auxiliar nas despesas de casa, trabalha atualmente.

⁴ Foi estudante da escola pública, atualmente está estudando para o Enem e tentando conciliar o trabalho.

perversamente incluídas na estrutura da sociedade capitalista, as quais são caracterizadas por não conseguirem alcançar as demandas produtivas e capitalistas do meio, como disciplina, estudar e trabalhar, ganhar dinheiro de forma honesta, entre outros, o que também é denominado por Souza (2009) como *habitus* precário.

Desta forma, como pudemos observar, as representações sociais que os participantes têm sobre projeto de vida são bem distintas e estão relacionadas a condições singulares que marcam a história de vida de cada sujeito, podendo apresentar semelhanças ou dissonâncias que estão atreladas à partilha de condições sociais, econômicas e familiares similares ou distintas. Logo, podemos considerar a história de vida e as relações sociais traçadas em seu percurso como fatores determinantes para a construção do modo como os participantes leem a realidade e a significam, isto é, as suas Representações Sociais; e ainda, do modo como essas histórias e relações os constituem, produzindo o *habitus*, primário, precário ou secundário, nos termos de Souza (2003), o qual, por sua vez, também condiciona o modo como esses sujeitos interpretam o mundo e agem sobre ele.

Além disso, compreendendo o Pronatec como uma política que surgiu para atender demandas específicas de um tempo e de eventos específicos, Copa do Mundo e Olimpíadas, cuja oferta por serviços específicos possivelmente decairá bastante nos anos seguintes, faz-se necessário que essa formação se dê de forma contextualizada. Assim, os alunos poderão refletir sobre seus projetos de vida e como o curso do Pronatec pode contribuir para a conquista de seus objetivos, tendo em vista o caráter provisório ou temporário de algumas atividades.

A falta de informações sobre os cursos técnicos e universitários citada por alguns entrevistados desvela uma falha estrutural na educação básica, que por se prender a uma formação conteudista, não possibilita que os alunos reflitam sobre seu futuro e construam seus projetos de vida, como vimos acima. Essa dificuldade de pensar sobre o futuro revela a falha dessas políticas educacionais, não cabendo única e exclusivamente ao Pronatec a função de saná-la, tendo em vista a brevidade de alguns cursos, mas sim a expansão dessa atitude reflexiva e crítica a todos os espaços formativos e educativos, em especial à Educação Básica.

Quando essa formação crítica não ocorre, presenciamos casos como o de alguns entrevistados, que não conseguiam pensar sobre o futuro, nem construir seus projetos de vida pessoais e coletivos. Estes dizem que sonham em seguir profissões socialmente valorizadas, como Medicina, Direito, o que consideramos que eles pensam em cursar, na crença de que só serão aceitos socialmente, caso manifestem interesse

por tais áreas. Assim, não foi comum nos discursos dos entrevistados um planejamento para conquistar suas metas, até porque talvez elas nem sejam suas, como sugere o “tem que” tão repetido em algumas falas, sugerindo que esses objetivos não são seus, mas são percebidos pelos participantes como objetivos e metas que lhes são socialmente impostas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados supracitados, compreendemos que a principal contribuição deste estudo consiste na reflexão sobre os objetivos da política, a que de fato ela se propõe e em qual lógica está baseada.

Podemos inferir que, se o objetivo da política se restringe a geração de renda e a inclusão da população desfavorecida no mercado de trabalho, ela está fadada ao fracasso, posto que é desconsiderado o desejo dos próprios participantes. Desde Marx, sabemos que o trabalho tem uma função de dar significado ao sujeito, de ser algo pelo qual ele se reconhece e se identifica. Portanto, se o curso é visto como um meio de obtenção de dinheiro a curto ou longo prazo, a pessoa tenderá a evadir do curso, logo que encontre outra opção que lhe seja mais economicamente proveitosa ou outra atividade que seja de seu interesse.

Notamos também que muitos alunos tinham poucas informações sobre os cursos antes de seu ingresso, o que denota que é preciso investir mais em divulgação, posto que a informação é necessária para que o aluno possa desenvolver algum interesse pelo curso e pelo ofício.

Percebemos ainda a fragilidade dos projetos de vida dos jovens, demonstrando que esses projetos ou não foram construídos por eles, mas adotados convenientemente, ou pensados deslocados da sua realidade. Este fato demonstra a importância de a formação escolar não ser apenas voltada ao vestibular/Enem ou ao mercado de trabalho. A educação deve assumir seu lugar no cotidiano dos alunos, ensiná-los a olharem para si mesmos, para seus contextos, para, a partir disso, refletir sobre o futuro e construir projetos de vida.

Necessitamos de uma educação que ensine os sujeitos a questionarem os padrões impostos, a compreenderem as estruturas sociais, a fim de que possam dispor das ferramentas necessárias para a elaboração de um projeto de vida e possam se deparar com diversos caminhos profissionais e pessoais e não apenas um.

REFERÊNCIAS

- CATÃO, M. F. M. **Projeto de vida em construção**: na exclusão/inserção social. João Pessoa: UFPB, Editora universitária, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- FREITAS, L. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In: SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.
- HOFLING, E. M. Estado e Políticas (Públicas) Sociais. **Caderno Cedes**, Campina – São Paulo, vol. XXI, nº 55, 2001 (pp. 30-41).
- JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- MENEZES, D. F. N. Políticas públicas de inclusão social: o papel das empresas. **Revista ética e filosofia política**, nº 16, vol. 1, jun. 2013.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social** / Serge Moscovici editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Gareschi. 5º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ROCHA, E. Desigualdades sociais e desafios para as políticas públicas. In: **III Seminário internacional organizações e sociedade**: inovações e transformações contemporâneas. Porto Alegre: PUCRS, 2008.
- SAADALLAH, M. M. A psicologia frente às políticas públicas. In: MAYORCA, Cláudia; PRADO, Marcos Aurélio Máximo (orgs.). **Psicologia social**: articulando saberes e fazeres. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SOUZA, J. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- SOUZA, J. (Não) Reconhecimento e subcidadania, ou o que é "ser gente"? **Lua Nova**. São Paulo, n. 59, p. 51-73, 2003.
- VASCONCELOS NETO, J. N. **PRONATEC**: Uma análise da educação profissional como política de desenvolvimento no município de Sobral. Monografia de conclusão de curso. Modalidade: Especialização. Universidade Federal do Ceará – UFC, Sobral, 2014.